

MENSAGEM

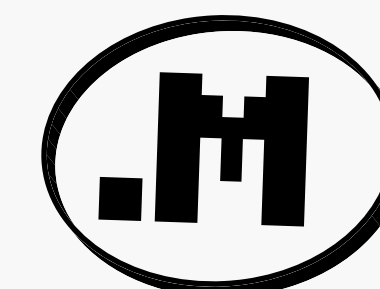
jandir jr.

18:24:51


[9.11.2015] Recebi a mensagem da imagem abaixo de um número celular que desconhecia. Não respondi a mensagem. Preferi continuar sem saber quem me enviou, e se me enviou intencionalmente ou por acidente. A partir dessa data, comprei um novo celular e, através dele, tenho enviado esta mesma mensagem - Pensei em vc agora - para números digitados aleatoriamente, o que me faz desconhecer se os números correspondem ou não a algum celular em uso. Pretendo seguir enviando essas mensagens por tempo indeterminado.

✱ 021966044966 ✱
Pensei em vc agora

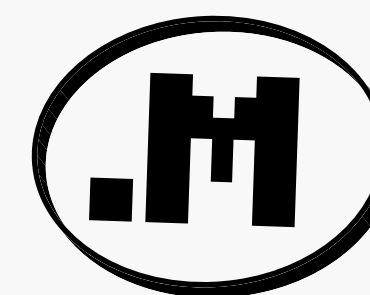
24/10/2014
18:24:51
Opções ✉ Voltar



✱ 021966044966 ✱
Pensei em vc agora

24/10/2014
18:24:51
Opções  Voltar

[9.11.2015] Recebi a mensagem da imagem
~~de~~ de um número celular que
desconhecia. Não respondi a mensagem.
Preferi continuar sem saber quem me enviou,
e se me enviou intencionalmente ou por
acidente. A partir dessa data, comprei um novo
celular e, através dele, tenho enviado esta
mesma mensagem – Pensei em vc agora –
para números digitados aleatoriamente, o que
me faz desconhecer se os números
correspondem ou não a algum celular em uso.
Pretendo seguir enviando essas mensagens
por tempo indeterminado.



[29.12.2015]

1 - Encontro perdidos nas ruas endereços
anotados em papéis. /

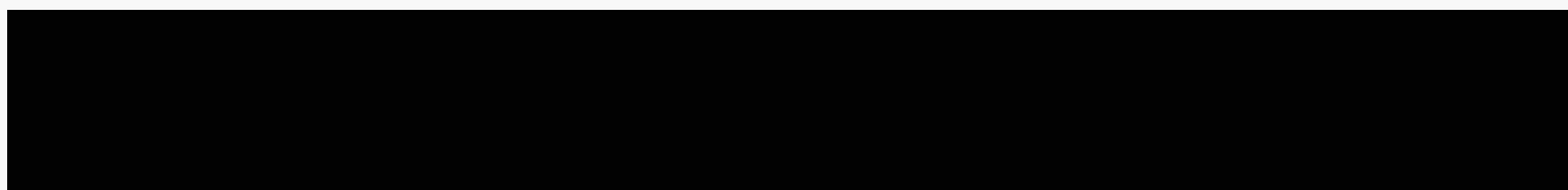
2 - Ponho-os em envelopes destinados
aos destinatários que carregam e, com meu
endereço e nome em remetente, envio por
correios. /

3 - Após isso, espero.

[29.12.2015] 1 - Encontro perdidos nas ruas
endereços anotados em papéis. / 2 - Ponho-os
em envelopes destinados aos destinatários
que carregam e, com meu endereço e nome
em remetente, envio por correios. / 3 - Após
isso, espero.



[30.12.2015]



[2.3.2018]

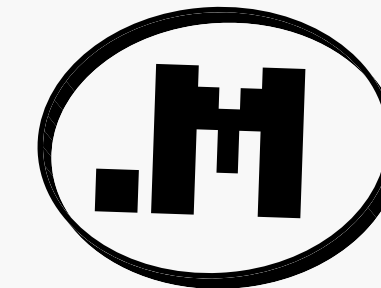


[3.3.2018]

Envelopes distribuídos na publicação LINGOA GERAL I – PROGRESSO (Coletivo Ficções, 2019) e, posteriormente, para pessoas diversas. Cada um deles com uma fotografia 10 x 15 em seu interior, e este texto estampado em sua face, no espaço em que estaria anotado algum endereço.

Na universidade em 2010, 2011, eu ainda cursava disciplinas sobre conservação de obras de arte. E lá ouvi falar pela primeira vez na incidência constante de luz em uma obra, que pode afetar seus pigmentos, causar danos à sua visibilidade, provocar seu desaparecimento até. Ciência rapidamente difundida por entre instituições que tem por missão preocupar-se minuciosamente com certas posses, o que contribui para que eu deva orientar visitantes a não fotografarem com flash nas exposições que monitoro desde que comecei a trabalhar nisso, há alguns anos.

Também devo lhes impedir de tocarem a maior parte do que está exposto. São funções que compartilho com outras pessoas, o que menciono por lembrar de um caso em que alguns funcionários de outro museu visitavam esse que me emprega, puseram suas mãos em uma das esculturas, no que um dos monitores que trabalha comigo os advertiu e me confidenciou, de longe, um olhar de reprovação para eles, que por desempenharem cargos como o nosso provavelmente já sabiam das barreiras intangíveis entre seus dedos e aquelas coisas.



Há uma versão, contudo, que permanece obliterada nesse caso, o que é presumível pelo olhar decepcionado que provocou. Se víssemos como iconoclastas esses trabalhadores, somando seus toques aos toques das mais de milhares de visitantes que contribuirão para a ruína do patrimônio, haveria brilho nos nossos olhos, assistindo a derrocada lenta do mármore; sua noite chegando.

Eu carrego um ponto de luz comigo. Um LG K8 fotografa com flash. E há textos que dizem da luz, do contemporâneo à luz, da luminescência fraca dos vaga-lumes. Mas essa pequena luz vem do meu bolso junto com todos esses flashes, acidentais ou não, reacendendo aos poucos a escuridão originária, em que adormecerá o sono de tudo.



3.3.2018

Na universidade em 2010, 2011, eu ainda cursava disciplinas sobre conservação de obras de arte. E lá ouvi falar pela primeira vez na incidência constante de luz em uma obra, que pode afetar seus pigmentos, causar danos à sua visibilidade, provocar seu desaparecimento até. Ciência rapidamente difundida por entre instituições que tem por missão preocupar-se minuciosamente com certas posses, o que contribui para que eu deva orientar visitantes a não fotografarem com flash nas exposições que monitoro desde que comecei a trabalhar nisso, há alguns anos.

Também devo lhes impedir de tocarem a maior parte do que está exposto. São funções que compartilho com outras pessoas, o que menciono por lembrar de um caso em que alguns funcionários de outro museu visitavam esse que me emprega, puseram suas mãos em uma das esculturas, no que um dos monitores que trabalha comigo os advertiu e me confidenciou, de longe, um olhar de reprovação para eles, que por desempenharem cargos como o nosso provavelmente já sabiam das barreiras intangíveis entre seus dedos e aquelas coisas.

Há uma versão, contudo, que permanece obliterada nesse caso, o que é presumível pelo olhar decepcionado que provocou. Se vissemos como iconoclastas esses trabalhadores, somando seus toques aos toques das mais de milhares de visitantes que contribuirão para a ruína do patrimônio, haveria brilho nos nossos olhos assistindo a derrocada lenta do mármore, sua noite chegando.

Eu carrego um ponto de luz comigo. Um LG K8 fotografa com flash. E há textos que dizem da luz, do contemporâneo à luz, da luminescência fraca dos vaga-lumes. Mas essa pequena luz vem do meu bolso junto com todos esses flashes, acidentais ou não, reacendendo aos poucos a escuridão originária, em que adormecerá o sono de tudo.

Jandir Jr.

3.3.2018

Na universidade em 2010, 2011, eu ainda cursava disciplinas sobre conservação de obras de arte. E lá ouvi falar pela primeira vez na incidência constante de luz em uma obra, que pode afetar seus pigmentos, causar danos à sua visibilidade, provocar seu desaparecimento até. Ciência rapidamente difundida por entre instituições que tem por missão preocupar-se minuciosamente com certas posses, o que contribui para que eu deva orientar visitantes a não fotografarem com flash nas exposições que monitoro desde que comecei a trabalhar nisso, há alguns anos.

Também devo lhes impedir de tocarem a maior parte do que está exposto. São funções que compartilho com outras pessoas, o que menciono por lembrar de um caso em que alguns funcionários de outro museu visitavam esse que me emprega, puseram suas mãos em uma das esculturas, no que um dos monitores que trabalha comigo os advertiu e me confidenciou, de longe, um olhar de reprovação para eles, que por desempenharem cargos como o nosso provavelmente já sabiam das barreiras intangíveis entre seus dedos e aquelas coisas.

Há uma versão, contudo, que permanece obliterada nesse caso, o que é presumível pelo olhar decepcionado que provocou. Se vissemos como iconoclastas esses trabalhadores, somando seus toques aos toques das mais de milhares de visitantes que contribuirão para a ruína do patrimônio, haveria brilho nos nossos olhos assistindo a derrocada lenta do mármore, sua noite chegando.

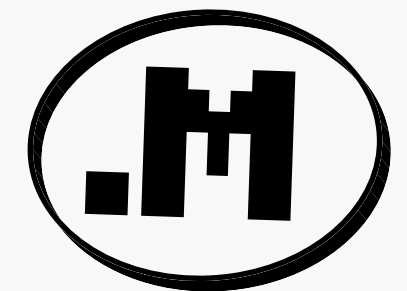
Eu carrego um ponto de luz comigo. Um LG K8 fotografa com flash. E há textos que dizem da luz, do contemporâneo à luz, da luminescência fraca dos vaga-lumes. Mas essa pequena luz vem do meu bolso junto com todos esses flashes, acidentais ou não, reacendendo aos poucos a escuridão originária, em que adormecerá o sono de tudo.

Jandir Jr.

[31.1.2020]

E-mail ao Arcebispo católico do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta.

Caríssimo, gostaria de pedir que apague as luzes quando for falar. E que fale de tarde. Que anoiteça enquanto fala. De modo que escureça totalmente antes de ser ponto final sua voz. Caríssimo, não note o absurdo, é que eu acho linda a ideia. Começar falando em meio à luz natural, à vista de seu público, mas terminar sem ser visto e sem nem ver ninguém. Só sua voz, ocupando a grandiosidade apagada duma catedral. É por isso: lhe envio e-mail porque é bonito acontecer em uma catedral, sabe-se lá porque, isso de terminar em escuridão e em voz, a sua. Que seja uma missa, talvez. Gostaria de assistir uma missa que me pusesse dentro da noite. Gostaria... e é mesmo: gostaria de ouvir de dentro dessa noite você, ainda falando por deus. Sendo assim, cê seria mais óbvio no encarne que já é, do elo noturno entre ele e nós. Além de que numa escuridão tal sua voz poderia ser a dele. Eu lhe peço: adentre a noite falando, para esquecermos teus contornos de homem, e lembrarmos a falta de contornos dele, que é uma fala, deus, verbo, carne, hálito e nós... Dom Orani, me avise se fizer isso. Obrigado. Um abraço.



SUBJECT:
FROM: "Jandir Jr." <mailexpressivo@gmail.com>
TO: gabinetearcebispo@arquidiocese.org.br
DATE: 31/01/2020 23:27

Caríssimo, gostaria de pedir que apague as luzes quando for falar. E que fale de tarde. Que anoiteça enquanto fala. De modo que escureça totalmente antes de ser ponto final sua voz. Caríssimo, não note o absurdo, é que eu acho linda a ideia. Começar falando em meio à luz natural, à vista de seu público, mas terminar sem ser visto e sem nem ver ninguém. Só sua voz, ocupando a grandiosidade apagada duma catedral. É por isso: lhe envio e-mail porque é bonito acontecer em uma catedral, sabe-se lá porque, isso de terminar em escuridão e em voz, a sua. Que seja uma missa, talvez. Gostaria de assistir uma missa que me pusesse dentro da noite. Gostaria... e é mesmo: gostaria de ouvir de dentro dessa noite você, ainda falando por deus. Sendo assim, cê seria mais óbvio no encarne que já é, do elo noturno entre ele e nós. Além de que numa escuridão tal sua voz poderia ser a dele. Eu lhe peço: adentre a noite falando, para esquecermos teus contornos de homem, e lembrarmos a falta de contornos dele, que é uma fala, deus, verbo, carne, hálito e nós... Dom Orani, me avise se fizer isso. Obrigado. Um abraço.

[9.3.2020]

Carta enviada à Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo brasileiro.

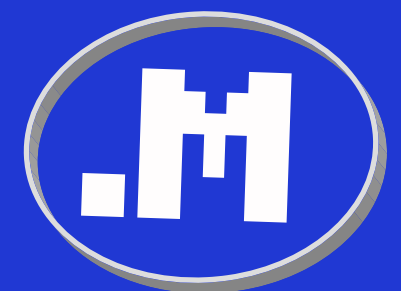
Olá.

Quero lhe falar sobre artistas que são como eu gostaria de ser: que talham o mínimo. É coisa difícil de ser pequena. Exige menos ferramentas, ainda menos matéria-prima.

Uma moça colhe a fumaça dos carros, a despoluir o mundo. Tomam algumas bolhas dos ambulantes sopradores de bolhas de sabão. Tem quem tire uma mecha de cabelo do risco iminente de ir em direção ao chiclete colado no assento do ônibus, sem que a dona dos pelos perceba. Alguns dançam em seus quartos. Há quem cante com a boca pro ralo do esgoto. E aquele senhor, que desvia o curso dum rio há 27 anos?

A cultura, eu digo, tem essa classe de artistas do absurdo. Por isso aqui estou para dizer simplesmente que há. E que portanto a arte... bem, na verdade, é só pra dizer: nós, esses (pra quando eu for um desses), não recebemos repasses de verbas. Mas somos. (como ar)

Atenciosamente,



Olá.

Quero lhe falar sobre artistas que são como eu gostaria de ser: que talham o mínimo. É coisa difícil de ser pequena. Exige menos ferramentas, ainda menos matéria-prima.

Uma moça colhe a fumaça dos carros, a despoluir o mundo. Tomam algumas bolhas dos ambulantes sopradores de bolhas de sabão. Tem quem tire uma mecha de cabelo do risco iminente de ir em direção ao chiclete colado no assento do ônibus, sem que a dona dos pelos perceba. Alguns dançam em seus quartos. Há quem cante com a boca pro ralo do esgoto. E aquele senhor, que desvia o curso dum rio há 27 anos?

A cultura, eu digo, tem essa classe de artistas do absurdo. Por isso aqui estou para dizer simplesmente que há. E que portanto a arte... bem, na verdade, é só pra dizer: nós, esses (pra quando eu for um desses), não recebemos repasses de verbas. Mas somos. (como ar)

Atenciosamente,

[9.3.2020] Carta enviada à Secretaria Especial
da Cultura do Ministério do Turismo brasileiro.

[13.4.2020]

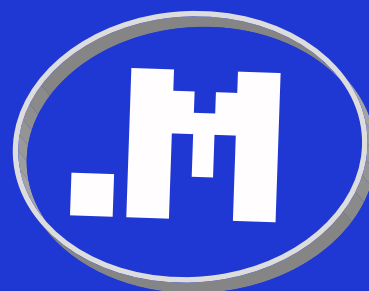
Cartas depositadas em casas próximas a minha.

Escrevi em quatro papéis diferentes. Cada um deles enfiei num dos quatro envelopes que ainda guardo numa gaveta. Anotei meu endereço num de seus lados externos. Então levantei bem cedo um dia e caminhei numas ruas. Segui sem me aproximar nem um metro de quem quer que fosse. E, em algumas caixas de correio, os deposei. Depois disso, algumas pessoas os abriram. Talvez antes tenham deixado os envelopes isolados, aguardando que seus coronavírus morressem. Quem sabe lavaram as mãos bem depois de tocarem essas correspondências? Mas passada toda a esterilização, ou mesmo sem ela, viram no interior de cada envelope um papel. E cada um deles com o texto que você lê agora, manuscrito.

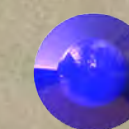
Redigir nestes papéis e remetê-los foi a forma que me ocorreu de encostar; de aludir a um toque, uma proximidade. Esta, então, é uma carta que lembra a mediação que faz entre as palmas de gentes distintas. E que se proclama, por isso, como um cumprimento. Porém menos como um aperto de mãos; mais como aquele esbarrão que damos em alguém e que, por força dum pedido de desculpas, se torna um abraço tímido.

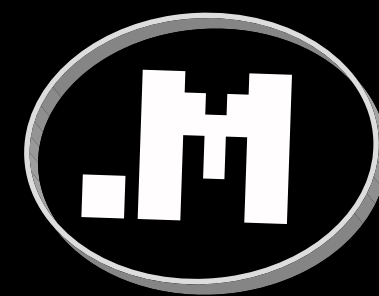
Por isso, um abraço.

Uma vida maravilhosa para você e quem mais você quiser que a tenha.



[13.4.2020] Cartas depositadas em casas
próximas a minha.





[5.5.2020] Mensagem enviada para destinatários diversos, via WhatsApp

- .entre em sua lista de contatos no whatsapp;
- .escolha um deles, a seu critério;
- .abra;
- .aperte o ícone de gravar uma mensagem de voz;
- .comece a falar: o que quiser, mas tome o máximo de tempo gravando;
- .quando acabar, descarte a mensagem; não envie.

🔒 As mensagens e ligações desta conversa estão protegidas com a criptografia de ponta a ponta. Toque para mais informações.

.entre em sua lista de contatos no whatsapp;
.escolha um deles, a seu critério;
.abra;
.aperte o ícone de gravar uma mensagem de voz;
.comece a falar: o que quiser, mas tome o máximo de tempo gravando;
.quando acabar, descarte a mensagem; não envie.

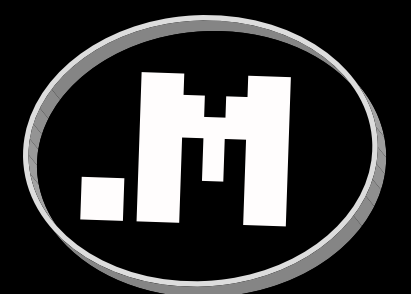
12:46

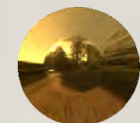


[15.3.2021] O sms abaixo foi enviado para 07132703700 mas não recebido, pois o número não aceita o envio de mensagens.

Envio esta mensagem para dizer: recebi uma ligação há pouco, de seu número, e quando a atendi percebi que ninguém se deu conta que eu estava na linha. Os sons eram de um ambiente de trabalho, como os ruídos de fundo nas ligações de telemarketing. Ouvi as risadas, as vozes feminina e masculina, o nome de algum Carlos num caso, a descontração que nunca me foi franqueada quando ouvi vendedores como vocês como quem ouve robôs e máquinas. Essa mensagem é um aceno para que continuem. Suas ligações inesperadas assim se tornam um sinal de que suas vidas, alheias à minha, estão seguindo. E me têm por um voyeur, uma testemunha de suas histórias, por um lapso de tempo curto, como agora há pouco, quando subitamente essa ligação foi encerrada.

Abraço. Que toda a felicidade do mundo encontre vocês.





Envio esta mensagem para dizer: recebi uma ligação há pouco, de seu número, e quando a atendi percebi que ninguém se deu conta que eu estava na linha. Os sons eram de um ambiente de trabalho, como os ruídos de fundo nas ligações de telemarketing. Ouvi as risadas, as vozes feminina e masculina, o nome de algum Carlos num caso, a descontração que nunca me foi franqueada quando ouvi vendedores como vocês como quem ouve robôs e máquinas. Essa mensagem é um aceno para que continuem. Suas ligações inesperadas assim se tornam um sinal de que suas vidas, alheias à minha, estão seguindo. E me têm por um voyeur, uma testemunha de suas histórias, por um lapso de tempo curto, como agora há pouco, quando subitamente essa ligação foi encerrada. Abraço. Que toda a felicidade do mundo encontre vocês.

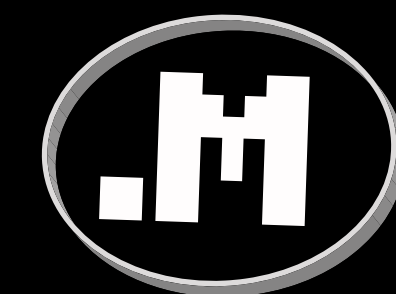
[2.12.2022] Mensagem enviada para Capcom Co.



Oi,

Tomei um susto, porque a cena que vi não se apresentava coerente:
um homem, agachado embaixo de uma mesa, com seu boné transpassando o tampo.
Demorei alguns segundos para perceber que seu boné, na verdade, estava pousado em cima.
Que o vi no exato instante em que, esgueirando-se para aparafusar uma das pernas de madeira,
parou alinhado ao chapéu, como se sua cabeça, calçada com o boné, atravessasse o obstáculo.

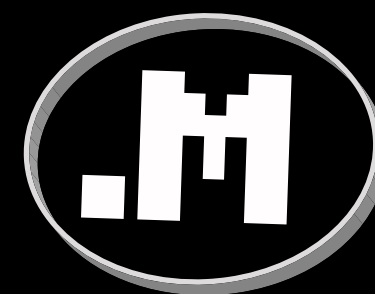
Era como se a solidez do móvel não fosse nem mais nem menos penetrável que a da tensão
superficial da água. Como se, em questão de segundos, todo seu tronco pudesse passar por
dentro da madeira, mostrando-o de pé, com um retângulo em torno da cintura.

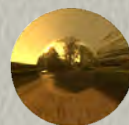


[2.12.2022] Mensagem enviada para Capcom Co.

Comunico a vocês, uma produtora de jogos feitos por computação gráfica, e anexo uma imagem que fotografei assim que percebi meu assombro. Porque vejo na foto uma comprovação de que essa cena em muito se parece com uma falha de gráfico. Como nos jogos, quando um personagem bugado atravessa uma parede, ou transpassa qualquer sólido. Contudo, Capcom, me seduz fantasiar que, nesta imagem, haveria uma prova contundente de que existam falhas no gráfico da vida real. De que vivemos numa realidade tão computadorizada quanto os jogos que vocês produzem. E imaginar seus funcionários recebendo esta foto com assombro, largando computadores, deixando qualquer coisa cair de suas mãos ao se chocarem com a artificialidade de nosso mundo. Percebendo-se espantados ao verem, nesta fotografia, que o planeta é desenhado por outro geek cansado, observando o universo em um monitor potente, conectado a um PC de dimensões imensas.

Gostaria de não ter escrito explicação nenhuma. Que o assombro fosse possível tão somente ao enxergarem esta imagem, assim como foi para mim.





CAPCOM ID

Iniciar sessão

Teoria da consulta*

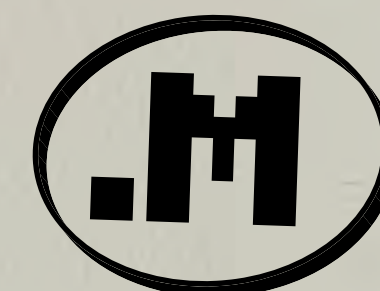
Descreva com o máximo de detalhes a sua dúvida ou o problema pelo qual está passando.

Oi,

Tomei um susto, porque a cena que vi não se apresentava coerente: um homem, agachado embaixo de uma mesa, com seu boné transpassando o tampo. Demorei alguns segundos para perceber que seu boné, na verdade, estava pousado em cima. Que o vi no exato instante em que, esgueirando-se para aparafusar uma das pernas de madeira, parou alinhado ao chapéu, como se sua cabeça, calçada com o boné, atravessasse o obstáculo. Era como se a solidez do móvel não fosse nem mais, nem menos penetrável que a da tensão superficial da água. Como se, em questão de segundos, todo seu tronco pudesse passar por dentro da madeira, mostrando-o de pé, com um retângulo em torno da cintura.

Comunico a vocês, uma produtora de jogos feitos por computação gráfica, e anexo uma imagem que fotografei assim que percebi meu assombro. Porque vejo na foto uma comprovação de que essa cena em muito se parece com uma falha de gráfico. Como nos jogos, quando um personagem bugado atravessa uma parede, ou transpassa qualquer sólido. Contudo, Capcom, me seduz fantasiar que, nesta imagem, haveria uma prova contundente de que existem falhas no gráfico da vida real. De que vivemos numa realidade tão computadorizada quanto os jogos que vocês produzem. E imaginar seus funcionários recebendo esta foto com assombro, largando computadores, deixando qualquer coisa cair de suas mãos ao se chocarem com a artificialidade de nosso mundo. Percebendo-se espantados ao verem, nesta fotografia, que o planeta é desenhado por outro geek cansado, observando o universo em um monitor potente, conectado a um PC de dimensões imensas.

Gostaria de não ter escrito explicação nenhuma. Que o assombro fosse possível tão somente ao enxergarem esta imagem, assim como foi para mim.





[12.2.2023] Carta à n-1 edições

Olá,

Recentemente, comprei dois livros com vocês. Ambos da coleção Lampejos, que têm capas adornadas com alfabetos inventados por Waldomiro Mugrelise; garatujas assêmicas, similares ao que percebemos como letras, sem, contudo, identificarmos seus dizeres. Algo entre os papiros antigos e os desenhos de João Jordão da Silva, numa falta de sentido idiomático que me chamou a atenção, sobretudo quando pus este projeto gráfico em comparação a alguns rabiscos que vi na caixa em que os livros vieram.

Vejam as fotos que envio no envelope. Vejam que loucura!

É que estou quase certo que não foram vocês, como editora, que desenharam displicentemente na caixa. O que me assombra, e me faz decidir que esta carta, apesar de endereçada à sua sede, não os têm exatamente como único destinatário. Pois sim, é interessante comunicar a vocês sobre essa coincidência, mas me ocorre com igual força pensar em toda a cadeia por onde esta carta passará, entre carteires, porteires e esteiras automatizadas. No que desenhei formas estranhas no envelope que contém esta carta, para que todes possam observar alguns traços assêmicos nele, assim como vocês, antes de rasgá-lo e lerem este texto. E, nisso, reside uma esperança: a de que este envelope passe pelas mãos da mesma pessoa que rabiscou a embalagem que recebi, e a mobilize de alguma forma. Ela se recordar dos tracejados que fez e ver nos meus riscos uma resposta seria esperar demais, eu sei. Mas quem sabe observar um envelope coberto por garatujas ilegíveis a autorize a escrever mais, usando seu abecedário pessoal, em cima de correspondências alheias? Quem sabe ela mesma não vá acrescentar algum rabiscado aos rabiscos que fiz no envelope? Quem sabe não se trate de uma só pessoa, mas de uma multidão, se comunicando numa surdez, com algumas canetas esferográficas? n-1, devo assumir: não há como garantir que só eu rabisquei o envelope. Não há como garantir que só ume rabiscou a caixa.

Atenciosamente,

Jandir Jr., Niterói, 12 de fevereiro de 2023



jandir jr.

. MENSAGEM



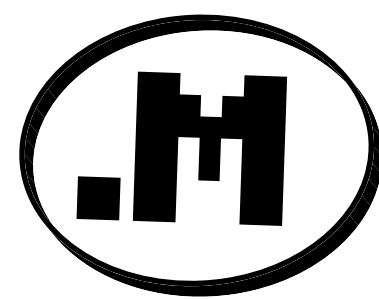


[18.5.2023] E-mail às Graduações em Artes do Brasil

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2017

Meu pai vendia cervejas num isopor. Ao morrer essa semana, sobraram duas sacolas de ráfia grandes, cheias até a boca com latas vazias. Ele vendia também as latas vazias. Mas aprendeu que amassando-as o peso dentro de uma sacola entregue dobraria e, com ele, o valor de venda. Esse dinheiro complementava nossa renda familiar e somava aos ganhos de sua aposentadoria de salário mínimo e ao bico com as bebidas no isopor. Mas por seu falecimento já não há dinheiro da previdência pública nem quem venda cervejas aos caras da esquina da Vila da Penha. Mas suas latas vazias há.

Passei a manhã amassando essa última leva. Usei uma pedra grande, como ele, e demorei a entender como fazer isso bem, mas posso dizer que peguei o jeito. De duas sacas, reduzi para uma cheia. E vendo essas tantas latas lembrei de meu título como bacharel em Artes Visuais com ênfase em Escultura, peguei uma das que amassei melhor, escolhi um lugar ao sol e fiz uma fotografia para recordar essa aula que não assisti na faculdade, mas em casa, ministrada por meu pai, ainda que fora de sua presença usual. Ou é artesanato popular isso que passa de pai para filho – e nesse caso, um pai e um filho que tem o mesmo nome? A autoria não é importante se somos artesãos, sei disso. Talvez seja por isso que realmente não me vejo escultor: por ser um artesão, que aprende seus ofícios imemoriais com um só mestre, elo de um acorrentado contínuo a preservar aquilo tudo que fiz e que não sei bem, mas são bem mais do que meus feitos. Obrigado, pai.



mail - Às Graduações em Artes do Brasil

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=6f5114106a&view=pt&search=a>

Jandir Jr. <mailexpressivo@gmail.com>

Às Graduações em Artes do Brasil

Jandir Jr. <mailexpressivo@gmail.com>

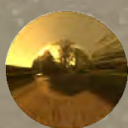
18 de maio de 2023 às 18:04

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 2017



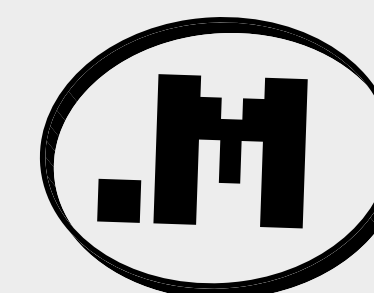
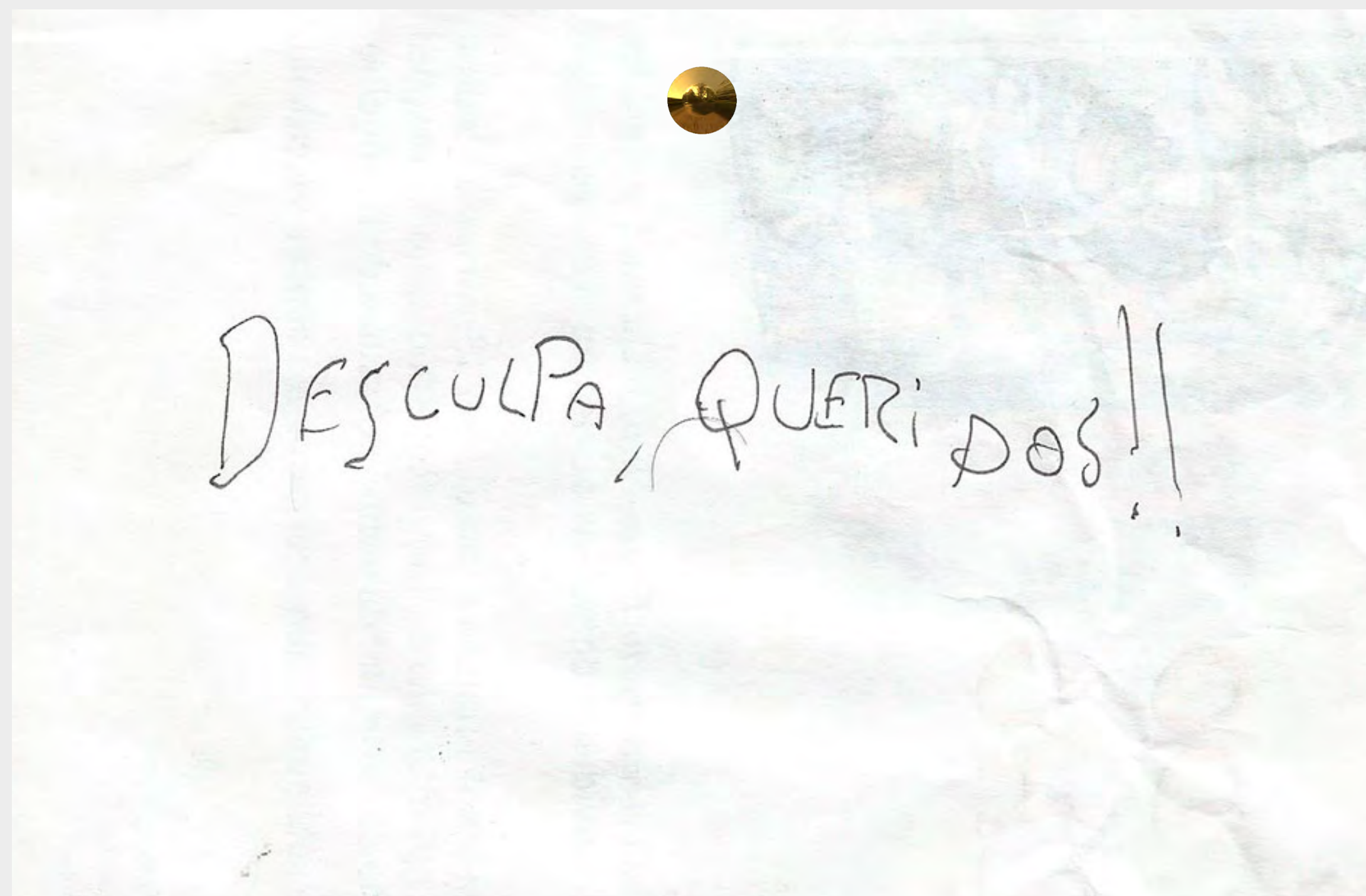
Meu pai vendia cervejas num isopor. Ao morrer essa semana, sobraram duas sacolas de ráfia grandes, cheias até a boca com latas vazias. Ele vendia também as latas vazias. Mas aprendeu que amassando-as o peso dentro de uma sacola entregue dobraria o, com ele, o valor de venda. Esse dinheiro complementava nossa renda familiar e somava aos ganhos de sua aposentadoria de salário mínimo e ao bico com as bebidas no isopor. Mas por seu falecimento já não há dinheiro da previdência pública nem quem venda cervejas aos caras da esquina da Vila da Penha. Mas suas latas vazias há.

Passei a manhã amassando essa última leva. Usei uma pedra grande, como ele, e demorei a entender como fazer isso bem, mas posso dizer que peguei o jeito. De duas sacas, reduzi para uma cheia. E vendo essas tantas latas lembrei de meu título como bacharel em Artes Visuais com ênfase em Escultura, peguei uma das que amassei melhor, escolhi um lugar ao sol e fiz uma fotografia para recordar essa aula que não assisti na faculdade, mas em casa, ministrada por meu pai, ainda que fora de sua presença usual. Ou é artesanato popular isso que passa de pai para filho – e nesse caso, um pai e um filho que tem o mesmo nome? A autoria não é importante se somos artesãos, sei disso. Talvez seja por isso que realmente não me vejo escultor: por ser um artesão, que aprende seus ofícios imemoriais com um só mestre, elo de um acorrentado contínuo a preservar aquilo tudo que fiz e que não sei bem, mas são bem mais do que meus feitos. Obrigado, pai.



[2.8.2023] Escrevi as palavras abaixo na madrugada do dia 3 de agosto de 2014,

em um episódio de sonambulismo. Acordei na manhã seguinte e, mesmo surpreso pela anotação ao meu lado, a deixei cair em esquecimento, só relembro dela hoje, ao imaginar uma situação que me pareceu insólita, até perceber que eu mesmo já havia lhe protagonizado: uma carta sonâmbula, escrita por um corpo despossuído de vigília, adormecido, ainda que se movendo.



DESCULPA, QUERIDOS!!

[2.8.2023] Escrevi as palavras ~~abaixo~~ na madrugada do dia 3 de agosto de 2014, em um episódio de sonambulismo. Acordei na manhã seguinte e, mesmo surpreso pela anotação ao meu lado, a deixei cair em esquecimento, só lembrando dela hoje, ao imaginar uma situação que me pareceu insólita, até perceber que eu mesmo já havia lhe protagonizado: uma carta sonâmbula, escrita por um corpo despossuído de vigília, adormecido, ainda que se movendo.

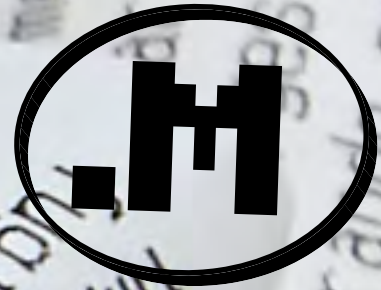
[2024]

Imprimi este texto em cupons térmicos que abandonei, preferencialmente, em espaços com caixas de pagamento: lojas, supermercados, padarias, lanchonetes...

É certo que hoje estudo e trabalho com arte. Mas já fui um trabalhador mal pago, desenhando no verso de um cupom. Eu consertava impressoras fiscais e o modo de fugir do trabalho extenuante era esse: esperar os chefes saírem e rabiscar nas próprias bobinas, imprimindo força, fazendo surgir monstros e palavras dos meus traços. Os gritos que gostaria de gritar vinham como charges de bocas enormes, vociferando entre dentes afiados. Assinava meu nome compulsivamente, me vestindo com outra carne, um corpo de tinta, grafado. Em meu trabalho não era mais que uma coisa, eu mal era uma vida, mas tinha um lápis à mão, ou uma caneta, e em traços fugidios riscava como um escape. Traços que, penso eu, se somam a outros traços, desde tempos que não conheci até há pouco, quando eu entrei numa loja e vi o caixa passar minhas compras enquanto desenhava no verso de uma nota que iria para o lixo. Como coautor, anuncio esse livro de páginas soltas, infinito. Esse museu impossível, feito por aqueles a quem foi negada a memória pública. Desenhos e textos que certos trabalhadores fazem, entre uma coisa e outra. Sobrescrevendo papéis sem brancura. Comprovantes queimados.

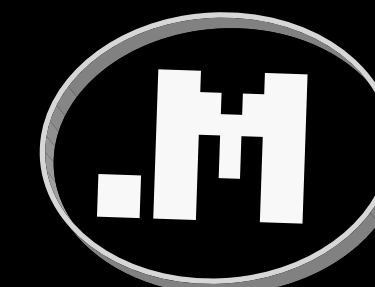


. MENSAGEM jandir jr.

[illegible]

[2024] Bilhetes deixados no chão

Este bilhete foi escrito por um educador que demora quase três horas para ir ao museu onde trabalha. Que demora quase três horas para voltar para casa. Que acorda às cinco da manhã e, nos dias mais escuros, tem dúvidas se conseguirá dar um beijo de despedida no rosto de sua companheira ou em sua cabeça, ou no seu ombro, enquanto ela dorme. Que, quando saí de casa, caminha por um trecho com muitas pessoas catando pequenezas no chão. Pega barcas, ônibus, vans. Passa por cartões-postais e áreas de milícia. Vê recorrentemente um homem com uma mancha roxa na cabeça sentado na sua frente, no ônibus; parte da paisagem rotineira de árvores, prédios históricos, estampidos de armas, cavalos, pinos de pó caídos. Quem trabalha conduzindo visitas tem, antes, seu próprio roteiro de visitaçã

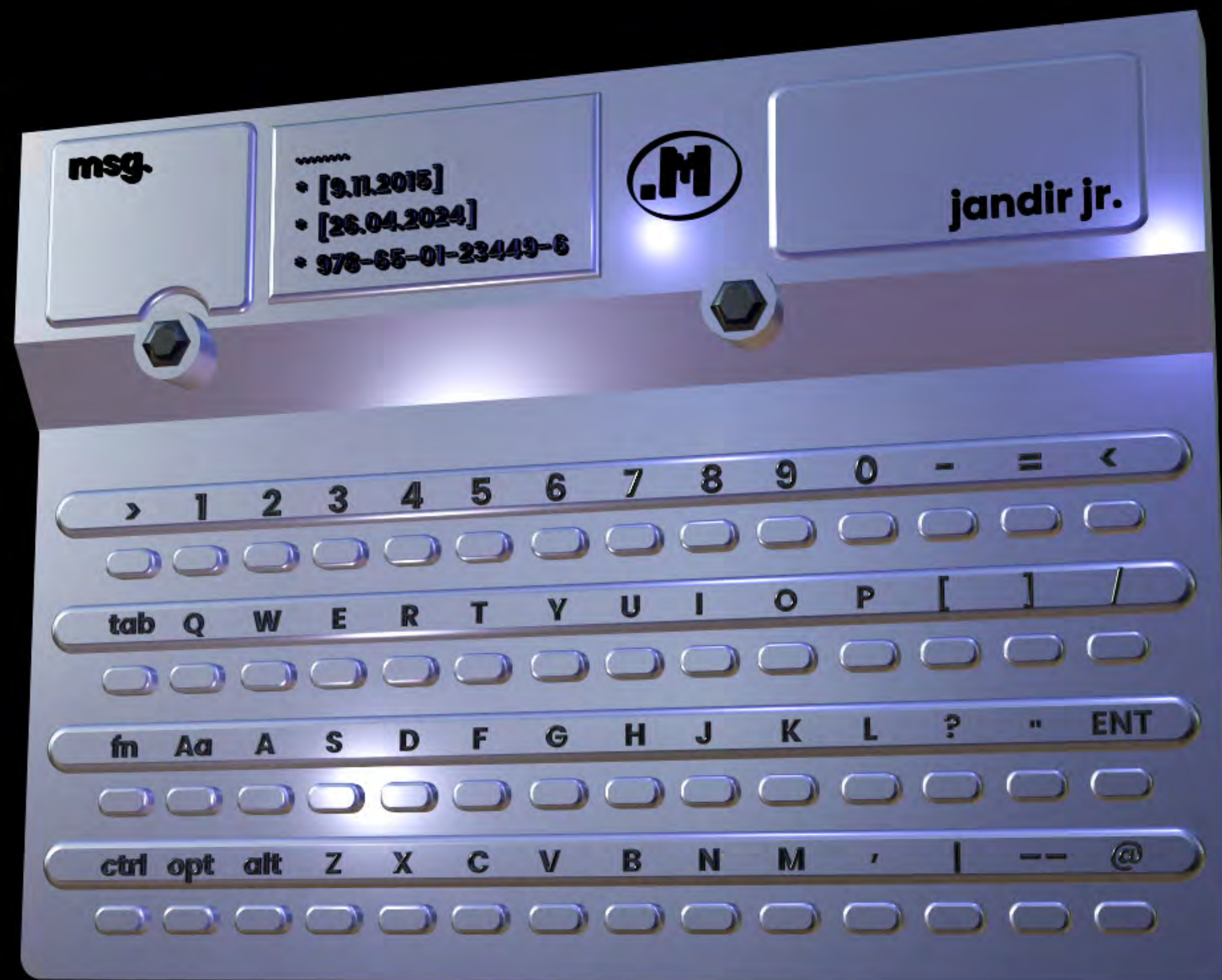


ESTE BILHETE FOI ESCRITO POR UM EDUCADOR QUE
DEMORA QUASE TRÊS HORAS PARA IR AO MUSEU
ONDE TRABALHA. QUE DEMORA QUASE TRÊS HORAS
PARA VOLTAR PARA CASA. QUE ACORDA ÀS CINCO
DA MANHÃ E, NOS DIAS MAIS ESCUROS, TEM DÚVIDAS
SE CONSEGUIRÁ DAR UM BEIJO DE DESPEDIDA NO
ROSTO DE SUA COMPANHEIRA OU EM SUA CABEÇA,
OU NO SEU OMBRO, ENQUANTO ELA DORME. QUE,
QUANDO SAI DE CASA, CAMINHA POR UM TRECHO
COM MUITAS PESSOAS CATANDO PEQUENEZAS NO
CHÃO. PEGA BARCAS, ÔNIBUS, VANS. PASSA POR
CARTÕES-POSTAIS E ÁREAS DE MILÍCIA. VÊ
RECORRENTEMENTE UM HOMEM COM UMA MANCHA
ROXA NA CABEÇA. NA SUA FRENTE,
NO ÔNIBUS, EM ROTINEIRA
ESTAMPIDOS DE
CAÍDOS. QUEM
DE VISITAS TEM, ANTES, SEU
DE VISITAÇÃO.







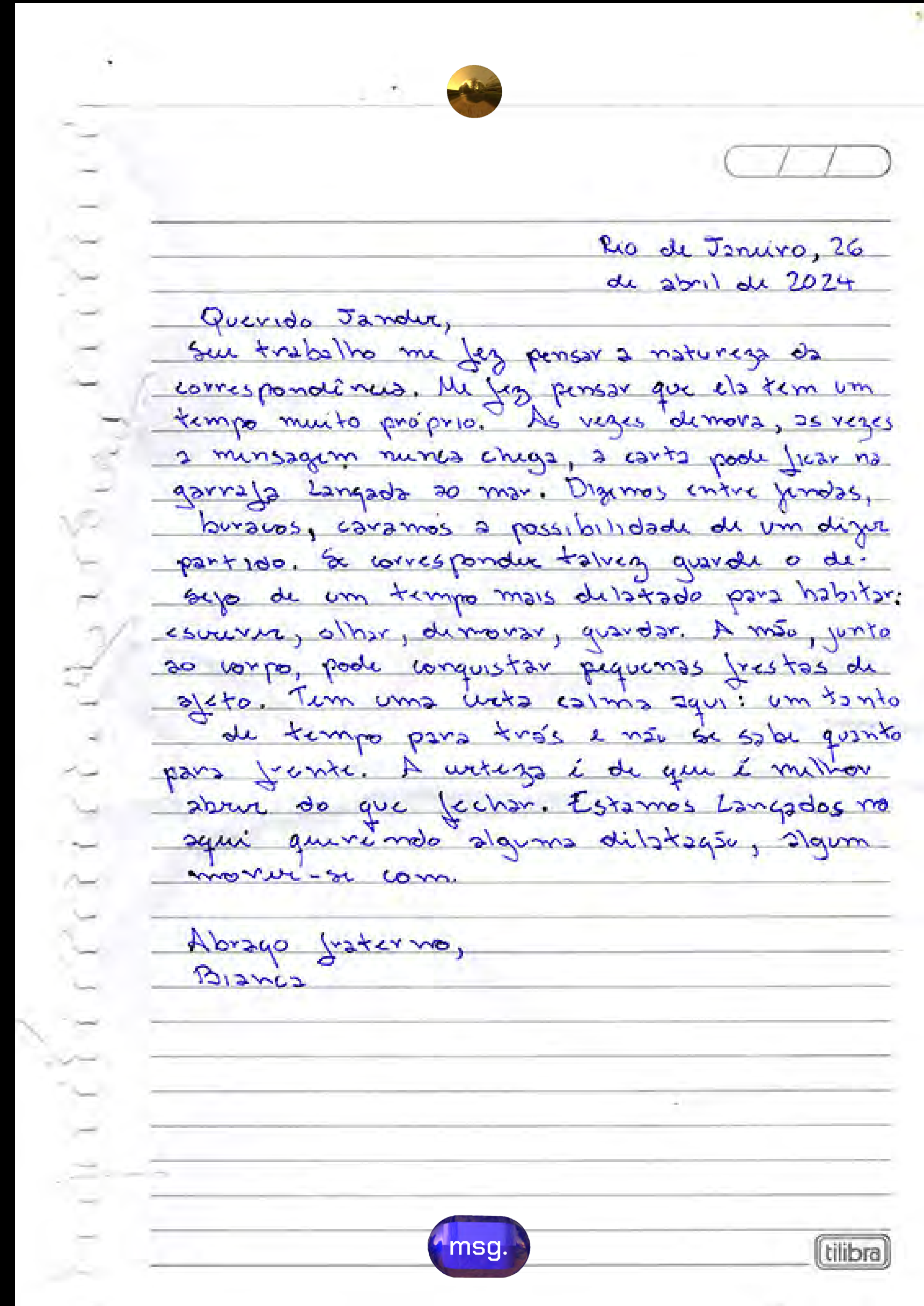


CARTAS DA MESA



26/04/2024

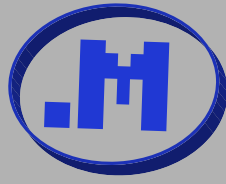
. MENSAGEM



ass: Bianca Madruga



jandir jr.



.....

.....

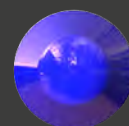
sabe, Joelma, há duas situações que rapidamente se tornariam assuntos da nossa correspondência, uma seria rodada sobre o que já sabe e a outra ao meu redor. se paro no mesmo lugar, abro um livro para ler, de pé mesmo, sem o conforto ou o café, o tempo continua passando, claro, como se nada tivesse acontecido, certo quanto a celebração insuficiente dos cinquenta anos de qualquer incêndio, mesmo esplêndidos, tão certo quanto o fingimento, em não ter me visto, da passante, as pessoas começam a transgredir, nada demais, só começam, desde o rapaz nouvelle vague ao trabalhador cansado, aquele, salta leve, pluma, por cima, este, vai por baixo, estalando nas palmadinhas da borracha contra os calcanhares. eles não se vêem. eles me vêem. é comum eu chegar cedo e esperar, ler, não têm como copiar a prática um do outro. mas procedem do mesmo jeito. sentam ao lado da roleta. como se esperassem alguém. como eu. olham para cima, para os lados. me olham. mas rápido se convencem que não sou segurança. imagino que não seja feito um segurança disfarçado, lendo. se o trem certo surge, astutos, esperam que a porta comece a fechar, para se transportarem para dentro do vagão. a moça que dissimula não ter me visto, também não os vê. só eu vejo. vejo porque estou parado há tanto tempo, lendo. porque estou lendo, acho, tenho esses lapsos de atenção para fora do que estou lendo. daí vejo com muita limpidez se dissimulam não me ver. vejo com muita limpidez o mambo bonito da transgressão. se no compromisso do dia, me sento para ouvir, como se estivesse em uma missa, a ordem do dia da liga camponesa pobre, e comento com o rapaz ao lado sobre as minhas descobertas. ele diz não ter nada demais. lá onde mora, a estação tem um buraco, pelo qual todos entram. quase todos, ele não, mas muitos entram. não era sobre se todo o mundo o faz. não seria sobre o que se mostra aos olhos se não se está vendo, há quem tome esses saltos como o fim e o início da falta. talvez fosse a conversa que ele queria ter tido. apesar da transgressão com o pequeno comentário fora de lugar, não sou das conversas paralelas. sim, provoqueei, mas voltemos às ligas camponesas, fiquemos em silêncio. presente, presente. claro, se tivéssemos dinheiro para as passagens, exigiríamos. se fosse outra reunião, quem sabe, a da liga dos burgueses nobres, a pessoa ao lado ouviria com preocupação os saltos, como se fossem o fim ou o início da falta. mas não seria a minha coisa. não tenho tanto medo de assalto. não era a esperança ou o medo por toda uma outra coisa outra. acho que me entenderia, Joelma, que antes do fogo assiste a tantos entrar e sair, elevadores, infindo mambo de pernas e suas mangas bufantes, porque já sabe disso tudo. é só uma regra, ela vive disso. num mundo que não é muito mais do que isso. a outra, ao meu redor, é sobre os livros que leio às olhadelas das transgressões. eu os compro de outras pessoas, muitos deles. não sou enjoado com marcas. se são bonitas, até me apaixono por elas. mas que sejam à caneta. porque a beleza das marcas a lápis me desafia o ânimo de retorno à velha vida de catador de raspas de borracha. se vai transgredir, Joelma, enfia dois torrões de açúcar à garganta do hipoglicêmico e espera, a vida volta.

.....

msg.



ass: Cesar Kiraly



.....



casa
a casa
seu telhado seu piso sua varanda

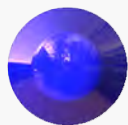
Guarda minha mãozinha na tua

a intimidade sem tónus esquecida da parede
vai te contar os passos os cachorros os tempos com suas orelhinhas sempre lindas aveludadas

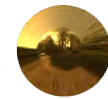
aqui todos serão ouvidos
agora
tenho que te dizer tchau outra vez



ass: Letícia Tandeta



.....



Uma vez que instado a escrever sobre as *Mensagens* de Jandir Jr., palavra que dá título a sua atual exposição individual no espaço A MESA, penso que só poderia fazê-lo se com afeto. Afeto é, sobretudo, essa condição pela qual me correspondo com aquilo que me encanta ao limiar da repulsa: assim como não há nada mais afetuoso do que um cachorro molhado. Abordar essas mensagens, portanto, exige caminhar lado contrário à impessoalidade. Primeiro porque nenhuma arte é impessoal. Não posso olhar para arte como um desconhecido de minha própria existência, como se às vezes ela não me causasse um espanto tremendo ao me lembrar do sorriso de alguém que já morreu. E segundo, porque toda e qualquer relação com o objeto de arte requer algum tipo de proximidade, de contato íntimo; algum calor desconcertante. Esta é a busca incessante pelo estado de correspondência.

Estar em correspondência pressupõe a existência de um conjunto de ações simétricas que delineiam a ideia de equivalência supostamente presente nas relações. Entretanto, essas mensagens lançadas por Jandir Jr. não se dirigem aos seus sujeitos com a esperança de sua devolutiva. Pelo contrário, a determinação de seu retorno se dá, com efeito, na constante manutenção de um ímpeto manifestado em gerúndio, de forma com que escrevendo, pensando e criando componham a contígua elaboração de suas notações sobre a luz e com a luz, nesses pequenos textos para iluminar os olhos e, sobretudo, sua relação com o mundo.

Justo na ausência de simetria dessas trocas é que Jandir Jr. produz suas mensagens que também são imagens da demora, da saudade e da espera. Coisas que por essência não podem ser vistas, mas ao menos imaginadas. Neste sentido, as mensagens enviadas para números desconhecidos com a frase “Pensei em você agora” vêm ao mundo para produzir uma *imago*, na tentativa de *formar* uma espécie de profecia destinada a encontrar em alguém a imagem de uma correspondência, como uma espécie de aparição de incidência duplamente luminosa. Ao dizer “pensei em você agora” e obter senão todo o silêncio de resposta, produz uma espécie de descontinuidade do sujeito, pela impossibilidade de fazê-lo manifestado no outro, algo como uma alteridade do desencontro implicada a buscar sua continuidade em outras formas de correspondência, mas quando digo que pensei em você agora é porque, sobretudo, já me assombra a incerteza de não o ter em meus pensamentos amanhã.

Yago Toscano

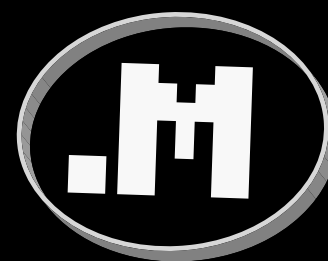


ass: Yago Toscano





. MENSAGEM jandir jr.



Esta publicação é resultante da exposição Mensagens, de Jandir Jr., que aconteceu no espaço independente A MESA (Av. Franklin Roosevelt, 115, Sala 1203, Centro, Rio de Janeiro), no dia 26 de abril de 2024, das 17h às 21h. Junto à mostra, aconteceu um encontro com leituras de poetas convidados; uma proposta mantida pela A MESA desde seu início, em 2015, nas exposições que propõe e sedia.

A MESA
Bianca Madruga
Cesar Kiraly
Letícia Tandeta
Yago Toscano

Encontrão de poetas | Curadoria
Set

Encontrão de poetas | Participantes
Carol Luisa
Inês Nin
Lívia Aguiar
rafael amorim e Lucas Canavarro
Set
Téia Porto

Fotos
Rafael Salim

Design | Publicação
Felipe Nunes

ISBN
978-65-01-23449-6



